

# Nise da Silveira: uma metodologia na contramão

## *Nise da Silveira: a methodology against*

**Kelcy Mary Ferreira Pereira, Luiz Roberto Nogueira, Thalita Carla Melo Lima**

### Resumo

Partindo de uma breve revisão histórica da trajetória da psiquiatra Nise da Silveira, faz-se um exercício de reflexão sobre a atualidade da sua práxis que é referência em relação ao cuidado humanizado com o louco, destacando-se a metodologia utilizada no ateliê de desenho, pintura e modelagem do Engenho de Dentro e Casa das Palmeiras, desde a década de quarenta até os dias atuais: a livre expressão do inconsciente por meio do contato com diferentes materiais em ateliês de criatividade. Observa-se que o diferencial dessa prática transformadora está no investimento em formação continuada, pesquisas e estudos interdisciplinares em literatura, filosofia, história da arte, psicologia, bem como a valorização das pessoas para além dos diagnósticos, priorizando o respeito, liberdade e afeto.

### Palavras-chave

Nise da Silveira; ateliês de criatividade; saúde mental.

### Abstract

*Starting with a brief historical review of the trajectory of Nise da Silveira psychiatrist, it is an exercise of reflection on the relevance of its praxis that is a reference in relation to the humanized care with the crazy, especially the methodology used in the design studio, painting and modeling of the Engenho de Dentro and Casa das Palmeiras, from the forties to the present day: the free expression of the unconscious through contact with different materials in creativity workshops. It notes that the differential of this transformative practice is investment in continuing education, research and interdisciplinary studies in literature, philosophy, art history, psychology, and the appreciation of the people in addition to the diagnosis, prioritizing respect, freedom and affection.*

### Keywords

*Nise da Silveira; creativity workshops; mental health.*

**Kelcy Mary Ferreira Pereira**

**Centro Universitário Tiradentes - UNIT**

Bacharel em Comunicação Social e Psicologia com especialização em arte-educação, atua na área de comunicação e psicologia comunitárias, responsável por projetos culturais como Ateliê Sesc Aberto à Comunidade do Sesc Alagoas 2004-2016 e realiza curadorias e projetos de estudos em psicologia e artes visuais.

**Luiz Roberto Nogueira**

**Centro Universitário Tiradentes-Unit**

Centro Universitário Tiradentes-Unit

**Thalita Carla Melo Lima**

**Centro Universitário Tiradentes-Unit**

Professora Mestra do Departamento de Psicologia da Unit

O presente estudo propõe uma ampliação das percepções sobre a práxis de Nise da Silveira, reconhecendo seu espírito desbravador, mas, sobretudo, aceitando seu convite: “Eu preciso de Mergulhadores” (SILVEIRA, 1995 *apud* MELLO, 2009, p. 206). Acredita-se que durante a pesquisa serão encontradas importantes contribuições para o fazer das equipes de saúde, na atualidade.

Observa-se, desde o primeiro contato com a história da cientista Nise da Silveira, que a singularidade do seu trabalho está em ressaltar a humanidade das pessoas denominadas loucas.

No Brasil, na década de 40, Nise da Silveira iniciou seu trabalho no Centro Psiquiátrico Pedro II Rio de Janeiro e ao ser convidada pelo diretor do hospital a trabalhar com os recursos da época, como eletrochoque, choque de insulina e lobotomia, negou-se a fazê-lo e pediu para ser encaminhada ao setor de terapêutica ocupacional, que direcionava os internos a fazerem trabalhos de limpeza e serviços gerais, porém esclareceu de antemão que modificaria o setor (MELO, 2001).

Nise da Silveira transformou essa realidade ao implementar uma metodologia de intervenção, iniciada pelos ateliês de expressões das emoções, disponibilizando recursos criativos para serem manuseados, sentidos e percebidos. O primeiro atelier foi de costura e bordado; em seguida, o de desenho, pintura e modelagem. Eram atividades alimentadas pelo afeto dos monitores que iam ao encontro das pessoas em sofrimento psíquico, nos corredores e pátio do hospital. Eles os acompanhavam durante as atividades, além da presença de Nise que os atendia individualmente e participava do dia a dia, no processo de criação. Nesse laboratório de criação e convivência havia também recitais de literatura, encenações teatrais, produção em cinema, música e dança (MELLO, 2009).

Em seu livro “Imagens do Inconsciente”, Silveira afirma:

Meu trabalho não se inspirou na psiquiatria atualmente predominante, caracterizada pela escassa atenção que concede aos fenômenos intrapsíquicos em curso durante a psicose. Ao contrário, meu interesse maior desde cedo se dirigiu no sentido de penetrar, pouco que fosse, no mundo interno do esquizofrênico (SILVEIRA, 1981, p. 11).

A psiquiatra compreendeu que por meio das expressões das emoções conseguiria chegar ao mundo interno da pessoa. Sua crítica às práticas vigentes da psiquiatria foi fundamentada em estudos aprofundados e interdisciplinares. Considerava-se uma escafandrista, mergulhadora no mar da mente humana. O setor denominado Terapêutica Ocupacional, sob a sua gestão, passou a ser um centro vivo de observação, estudos sistemáticos, produção científica e artística, ainda que o objetivo não fosse a produção de obras de arte.

A relevância dessa pesquisa está em constatar a atualidade dos questionamentos de Nise e o quanto seus registros podem contribuir com o fazer das equipes interdisciplinares de saúde que atuam no cuidado com o louco, ressaltar que esse trabalho segue acontecendo no dia a dia do Museu das Imagens do Inconsciente (MII) e na Casa das Palmeiras é razão para fazer emergir o pensamento da pesquisadora que revolucionou a saúde mental no Brasil e influenciou muitos estudiosos no mundo.

Ao pesquisar sobre a história da loucura, percebe-se uma lacuna entre a década de 30 aos anos 70, onde Nise da Silveira é citada, superficialmente, enquanto uma das pioneiras no questionamento sobre as condições de maus tratos na psiquiatria brasileira. A condição de precursora, conforme questiona o pesquisador Melo (2007), é um ideal distante, um “mito da

origem” que propõe uma visão linear da história, sob um ponto de vista evolucionista.

Melo é psicólogo e trabalhou com Nise na Casa das Palmeiras. Sua provocação é inquietante, seguindo essa lógica: “O auge de um modelo de trabalho se encontra, nesse tipo de pensamento, no presente” (MELO, 2007, p. 110). Sendo assim o nome Nise da Silveira torna-se um símbolo brasileiro, assim como Basaglia (1924-1980) é o marco italiano da abertura dos portões dos hospícios, por vezes até mais reconhecido que os “ícones” brasileiros, porém enquanto a abordagem caminha por essas veredas, enquanto predomina a necessidade de heróis, passa despercebido o que realmente importa nesse contexto, a saúde mental, o aprofundamento das questões humanas e do cuidado com a pessoa em sofrimento psíquico.

O presente estudo optou por efetuar uma revisão bibliográfica sobre escritos da própria Nise, relatos de experiência registrados em seu livro *Imagens do Inconsciente*, sobre as referências encontradas em Luis Carlos Mello, que é diretor do Museu das Imagens do Inconsciente (RJ) e que conviveu e acompanhou grande parte da vida de Nise, assessorando, registrando, reunindo documentos e refletindo sobre suas contribuições.

Trata-se de um recorte com uma percepção crítica e criativa sobre a produção bibliográfica a respeito da vida e obra de Nise da Silveira, nesse contexto, destaca-se também as leituras e reflexões sobre a produção intelectual do professor Walter Melo Junior da Universidade Federal de São João Del Rei (UFSJ) pesquisador atuante sobre a obra de Nise.

Elegeu-se o atelier de pintura e modelagem para um maior aprofundamento e apreensão da teoria e prática de Nise da Silveira. O Atelier de Pintura e Modelagem do Centro Psiquiátrico D. Pedro II foi inaugurado em 9 de setembro de 1946:

O atelier de pintura me fez compreender que a principal função das atividades na Terapêutica Ocupacional seria criar oportunidade para que as imagens do inconsciente e seus concomitantes motores encontrassem formas de expressão. Numa segunda etapa viriam às preocupações com a ressocialização (SILVEIRA, 1981, p. 14).

Seu primeiro colaborador foi o então servidor da área administrativa e estudante de pintura, Almir Mavignier, que solicitou à direção do hospital transferência para o atelier. O artista se espantava com as produções realizadas por pessoas que anteriormente vegetavam nos corredores do hospital: “Em seu íntimo, Mavignier considerava alguns dos autores destas obras como gênios. Tratava-os de pessoa para pessoa e respeitava-os como artistas” (MELO, 2001, p. 15).

### **Espaço para Expressão das Emoções**

Foram disponibilizadas tintas, telas, argila, tecidos e diversos materiais para a expressão livre dos habitantes do hospital. Os monitores não interferiam na criação, apenas estavam ali à disposição, compartilhando a experiência e descobrindo conjuntamente o encanto no material disponível. Nise chamou a esse relacionamento de “afeto catalisador”, um afeto que potencializava as reações positivas, a motivação para realizar as atividades e a retomada do contato com sua realidade e com o outro.

Foi essa troca calorosa que fez de Almir Mavignier um monitor para além dos muros do Pedro II. Ele trouxe diversos artistas, jornalistas e formadores de opinião para conhecer o atelier, foi curador de diversas exposições e tornou-se um artista reconhecido internacionalmente, residente na Alemanha desde a década de 50. Em uma dessas visitas, o Diretor do Museu de Arte Moderna (MAM) de São Paulo, que ao constatar o

valor artístico das obras, convidou o grupo para uma exposição (MELLO, 2009).

Ao ser entrevistada por Ferreira Gullar, Silveira revela sobre a principal característica do atelier de expressões das emoções: “A inovação consistiu exatamente em abrir para eles o caminho da expressão, da criatividade, da emoção de lidar com os diferentes materiais de trabalho” (SILVEIRA, 1996 *apud* MELLO, 2009, p. 28).

Em 1949, a pesquisadora foi convocada por Leon Degand (diretor do MAM) para escrever a apresentação do catálogo da exposição “9 Artistas de Engenho de Dentro”, sobre essa experiência escreveu:

[...] os loucos são considerados comumente seres embrutecidos e absurdos. Custará admitir que indivíduos assim rotulados em hospícios sejam capazes de realizar alguma coisa comparável às criações de legítimos artistas que se afirmem justo no domínio da arte, a mais alta atividade humana [...]. Antes que se procurasse entendê-los, concluiu-se que tinham a afetividade embotada e a inteligência em ruínas [...]. Os hospitais, porém, continuam seguindo rotina de raízes em concepções já superadas [...]. Cumpre reformá-los (SILVEIRA, 1981, p. 16).

Percebe-se, a cada palavra utilizada, indignação com as injustiças cometidas contra seres humanos, dignos dos mesmos direitos dos demais cidadãos. A expressão “rotulados” convida o leitor a perceber seu significado e a compreender que aquelas pessoas eram consideradas produtos, objetos, estorvos: “esquizofrênicos”, “embrutecidos”, “desadaptados”. Nesse momento emblemático, numa exposição no Museu de Arte Moderna de São Paulo, no reconhecimento das suas expressões como obras artísticas, Nise questionou os termos da psicopatologia, a rotina dos hospitais e afirmou que era preciso reformá-los.

Para executar seu trabalho a frente da seção de Terapêutica Ocupacional, Nise debruçou-se sobre conhecimentos em história da arte, teoria psicológica de Jung (1875-1961), filosofia de Spinoza (1632-1677) e a literatura de Artaud (1896-1948), Dostoiévski (1821-1881) e Machado de Assis (1839-1908), entre outras. Em entrevista, registrada em Mello (2009, p.135), Nise afirmou: “[...] em literatura tenho chegado a concepções finíssimas sobre a psique humana. O que aprendi com Dostoiévski, com Machado de Assis, não tem medida”.

Um dos seus anseios com esse mergulho científico transdisciplinar era compreender o ser humano e a simbologia da abstração. Os psiquiatras do seu tempo consideravam a abstração, estilização e geometrismo características atribuídas a um processo regressivo que iria da desumanização à dissolução da realidade (SILVEIRA, 1981).

Na observação detalhada do seu relato, exercita-se a percepção do que diferenciava sua atuação do fazer dos demais médicos, bem como esclarece a razão da sua não conformidade com o discurso vigente, principalmente o discurso da desumanização:

Mas eu não examinava as pinturas dos doentes que frequentavam nosso atelier sentada em meu gabinete. Eu os via pintar. Via suas faces crispadas, via o ímpeto que movia suas mãos. A impressão que eu tinha era estarem eles vivenciando “estados do ser inumeráveis e cada vez mais perigosos”. Não me era possível aceitar a opinião estabelecida [...] (SILVEIRA, 1981, p. 17).

Compreende-se com essa práxis - prática transformadora - que não basta ao profissional de saúde disponibilizar materiais aos clientes, mas a

atenção minuciosa ao processo de criação, a expressão facial, ao movimento corporal, a percepção e estudos de processos do inconsciente, às intenções impressas implícitas e explícitas.

Pesquisas sobre a teoria de Jung trouxeram o esclarecimento sobre a abstração enquanto movimento de transferência de conteúdos de sua psique para os objetos, animando-os e atraindo-os para si (SILVEIRA, 1981). O historiador de arte Worringer *apud* Silveira (1981) afirmou que para vários artistas, desde 1915, durante a Primeira Guerra Mundial, a arte tornou-se abstrata diante do horror da realidade.

Silveira constata com estas pesquisas que a abstração das pessoas em sofrimento psíquico advém da hostilidade vivenciada nos diversos estados do ser dos ditos estados psicóticos, recusando o estigma da degeneração das funções psíquicas e, muito menos, desumanização.

O embasamento na psicologia de Jung fez com que a pesquisadora reunisse as produções dos participantes do atelier e estudasse seus símbolos e significados, a fim de exercitar a percepção clínica sobre cada um deles (SILVEIRA, 1981).

Observando, na prática do atelier, Nise da Silveira teoriza que é impossível estabelecer códigos para a linguagem abstrata, por exemplo, dizer que linhas sobrepostas signifiquem ambição, “a linguagem abstrata cria-se a si própria a cada instante, ao impulso das forças em movimento no inconsciente” (SILVEIRA, 1981, p. 19).

Compreende-se, com a análise da sua prática, que a pesquisadora conhece cada frequentador do atelier pelo nome e coleciona seus trabalhos, em fases diferenciadas, observando que ora pintam ou esculpem formas abstratas e em outros momentos figurativas e que essa vivência lhe mostra que os rótulos impostos não cabiam mais. Sobre Fernando, afirma:

[...] do caos ele passa ao figurativo e esforça-se tenazmente para construir composições. Entretanto de quando em vez volta ao caos ou às formas abstratas se emoção, se angústia, sobem em ondas mais altas quebrando todas as figuras (SILVEIRA, 1981, p. 21).

### Qual é o seu Nome?

Por meio da presente pesquisa observa-se que, na literatura de Nise, cada expressão é carregada de sentidos. Uma das percepções exercitadas foi a compreensão do porquê de cada participante do atelier ser chamado pelo nome e, na maioria das vezes, apenas o primeiro nome: Fernando, Emygdio, Adelina, Carlos e outros. Em um contexto de hospital lotado, depósito de seres doentes, considerados incapazes de recuperação, chamá-los pelo nome significava valorizar sua singularidade, sua presença no mundo e sua importância na sociedade. Não lhe interessava se eles eram artistas, muito menos seu diagnóstico, mas conhecer sua história única e possibilitar-lhes o caminho de volta à comunicação, enquanto coparticipação e criatividade:

Sempre procurei abrir aos doentes, que frequentavam nossos ateliês de pintura e modelagem, oportunidade para livre expressão de seus processos imaginativos. Esses indivíduos habitam um mundo de imagens tão vivas, que se lhes figuram absolutamente reais [...]. Me perguntaram se as imagens pintadas ou modeladas em nossos ateliês serviam como ponto de partida para insistirmos junto a seus autores, a fim de que as traduzissem em palavras. Nunca recorri a esse método (SILVEIRA, 1990 *apud* MELLO, 2009, p. 39).

A terapeuta pretendia que os indivíduos que frequentassem o atelier pudessem expandir sua imaginação. Por meio dos recursos expressivos

darem vazão as imagens que povoavam seus inconscientes, sem que fosse necessário explicá-las. A obra já era sua expressão livre.

### Uma Metodologia na Contramão

Na contramão do cartesianismo e do paradigma biomédico, a metodologia de Silveira foi em busca da unidade e do olhar para a pessoa como ser único, independente do seu diagnóstico. Orientada pelo próprio Jung, estudou mitologia para compreender significados ancestrais, que surgiam nas pinturas e esculturas de Engenho de Dentro.

Para Nise, Jung representa o paradigma da unidade no estudo da psique, sendo este um dos principais referenciais para seu método:

Ele reúne matéria e espírito e se aproxima de algo, em psicologia, muito próximo de Einstein. Uma coisa é considerar que matéria e espírito são um só. Outra é a visão cartesiana, que considera matéria, o bicho, o homem, uma máquina que funciona isoladamente com a razão no alto da cuca no comando. (SILVEIRA, 1991 *apud* MELLO, 2009, p. 125).

Durante o estudo dos fenômenos intrapsíquicos, a cientista observou que no dia a dia do atelier havia clientes que conseguiam verbalizar suas questões internas, porém havia os que só se expressavam por meio das imagens. O trabalho de Nise foi reunir cada uma delas de forma cuidadosa e respeitosa, a fim de estudá-las em suas minúcias, compará-las em dias e situações emocionais diferentes, percebendo pequenas transformações e, assim, adentrar naquele universo profundo, pleno de humanidade (SILVEIRA, 1981).

Sobre os métodos utilizados na época pela psiquiatria, Nise revela: “Quando o cliente chega ao hospital psiquiátrico, o tratamento dele é um pouco diferente do de alguns anos atrás. Ao invés de uma camisa de força física usa-se uma camisa de força química” (SILVEIRA, 1977 *apud* MELLO, 2009, p. 47). A médica alagoana optou por sair dos trilhos dos tratamentos convencionais e alçou voo para um cuidado humanizado e libertário.

Nise conheceu cada história de vida e história clínica dos seus clientes, percebeu a presença de fortes afetos que desencadearam distúrbios iniciais: violentas emoções; situações existenciais extremas; sentimentos de opressão diante do mundo externo, ansiedade e humilhação, conflito entre exigências sociais e pulsões internas ou tensões intrapsíquicas originadas por sentimentos de frustração, assim como a persistência de problemas que representavam questões vitais para o indivíduo (SILVEIRA, 1981).

Considera-se que esse aprofundamento sobre o ser, independente do seu diagnóstico, foi a via condutora da singularidade desse trabalho, por isso denominada no presente artigo de metodologia na contramão.

Com o presente estudo fica claro que, enquanto a psiquiatria tradicional ainda seguia o caminho da contenção, Nise construía, coletivamente, uma via para expansão dos sentidos por meio das expressões criativas, para o acesso à expressão do inconsciente e a (re)criação da realidade.

Um aspecto importante da metodologia proposta por Silveira é levar a pessoa a compreender a utilidade que terá para ele a prática das atividades expressivas com as quais se familiarizou durante o tratamento ocupacional, mesmo depois da alta.

Compreende-se, aqui, a essência da repercussão das atividades do atelier na mente dos participantes. Em oposição ao movimento destemperado e rude de impulsos inconscientes, as expressões artísticas movem o sentimento de pertencimento à humanidade (ainda que seja inconsciente), pois a necessidade da expressão por meio da dança, música, pintura,



escultura, teatro e literatura faz parte da ancestralidade humana. E, nesse processo, pode acontecer a reordenação mental (SILVEIRA, 1981).

### Mandalas e o Encontro com Jung

A pesquisadora já havia se debruçado sobre diversas obras que representavam o caos interior, desmembramentos de corpos humanos, árvores cortadas em pedaços, simbolismos diversos da dissociação psíquica, quando se espantou ao perceber que essas mesmas pessoas estavam elaborando formas circulares em seus desenhos e pinturas. Até então as formas produzidas pelos internos demonstravam coerência, em relação às teorias psiquiátricas vigentes, que definiam a esquizofrenia como cisão das diferentes funções psíquicas, porém esse fenômeno do surgimento dos círculos que buscavam simetria, formas que se harmonizavam em torno de um ponto central, esse acontecimento foi o ponto de luz fora da caverna da psiquiatria tradicional e a pesquisadora escolheu seguir o clarão (SILVEIRA, 1981).

Nise pensou se seriam Mandalas. Um símbolo com origem remota, que representa o cosmo, a harmonia, a integração, a energia, o divino, a magia, encontrado em diversas culturas milenares. Como poderia estar presente na expressão do mesmo indivíduo que era considerado embrutecido e desenhava corpos sem cabeça, sem braços ou pernas?

Nesta fala, a presença mobilizadora do espírito científico:

Faltavam-me conhecimentos sobre as atividades da psique que tomavam forma na imagem da mandala. Assim custava-me entender que surgissem esses símbolos pintados pelo mesmo autor junto a formas que refletiam a cisão da psique (SILVEIRA, 1981, p. 51).

Percebe-se, aqui, o cerne da história dessa nova possibilidade de cuidado com o louco. Nesse momento há, por parte da pesquisadora, uma escolha a fazer: permanecer em antigos paradigmas ou buscar novas fontes que lhe fornecessem subsídio para a compreensão daquele novo mundo que se apresentava em formas circulares. Se lhe faltava conhecimento, por outro lado, sabia onde buscar.

Numa atitude que a própria Nise considerou ousada, fotografou os desenhos e encaminhou ao próprio Jung, perguntando se eram mandalas. A resposta veio com brevidade: “Sua secretária me respondeu que ele agradecia as belas mandalas que lhe havia enviado, começando daí meu relacionamento com a psicologia junguiana.” (SILVEIRA *apud* MELLO, 2009, p. 29)

Essa passagem revela muito da característica do espírito investigativo da alagoana Nise da Silveira. Jung era considerado um mito, o herdeiro de Freud (1856-1939), uma das personalidades mais famosas do mundo na área dos estudos psicológicos. Quantas cartas deveria receber diariamente de Universidades importantes, mas nada disso foi razão para intimidá-la. Seus objetivos foram claros: contribuir com a melhoria das condições de vida daquelas pessoas que frequentavam o atelier, incentivar à construção de um novo caminho para o cuidado em saúde mental, formar novos pesquisadores e para essas conquistas, contou com a orientação de Jung.

Jung confirmou que as fotografias eram mandalas, fez uma série de perguntas e observações. Entre elas, a de que os desenhos possuíam uma regularidade diferenciada para uma produção de esquizofrênicos e que demonstravam forças do inconsciente que buscavam compensar a cisão causada pela esquizofrenia (SILVEIRA, 1981, p. 52).

Em 1957, Nise viajou para Zurique, recebendo uma bolsa do CNPq para realizar estudos no Instituto C. G. Jung e levou pinturas e modelagens de

autores do Engenho de Dentro para participarem de uma Exposição paralela ao II Congresso Internacional de Psiquiatria. A exposição foi organizada por Almir Mavignier, seu primeiro monitor de pintura e modelagem, que nesse tempo encontrava-se estudando artes e vivendo na Alemanha. A exposição encaminhada pelo Centro Psiquiátrico do Rio de Janeiro foi aberta por C. G. Jung, na manhã de 02 de setembro, ocupando cinco salas do pavimento térreo da *Eidgenössische Technische Hochschule*, cedido para sede do Congresso (SILVEIRA, 1981).

Jung direcionou sua atenção, principalmente, para a sala onde estavam expostas as mandalas, fazendo sobre elas comentários e interpretações. Há registro do momento em que o mestre aponta com o indicador o centro de uma mandala, esclarecendo: “o *self* é o princípio e arquétipo da orientação e do sentido: nisso reside sua função curativa” (JUNG *apud* SILVEIRA, 1981, p. 53). Jung considera a ideia de totalidade do si-mesmo – o *Self* é o arquétipo central é a busca humana por unidade. A partir dessa nova referência, a pesquisa de Nise foi redimensionada para estudar as variações de mandalas na pintura dos esquizofrênicos, reunindo séries de diversos autores, em fases diferentes, comparando, fazendo leituras e estudos profundos sobre suas funções ordenadoras e curativas. Doravante, esse seria um dos principais temas das suas investigações.

As mandalas ocorrem em situações de sofrimento psíquico, por exemplo crianças que enfrentam o divórcio dos pais, adultos em processo de neurose e sentimentos de desorientação e em esquizofrênicos cuja razão foi tomada por conteúdos inconscientes (JUNG *apud* SILVEIRA, 1981, p. 54) ou encontra-se partida. De acordo com o referencial de Jung, a própria mente tem a capacidade de alcançar estágios de auto cuidado, desde que haja um ambiente propício, recursos expressivos e afeto:

Em tais casos é fácil verificar como o molde rigoroso imposto pela imagem circular, através da construção de um ponto central, com o qual todas as coisas vem relacionar-se, ou por um arranjo concêntrico da multiplicidade desordenada de elementos contraditórios e irreconciliáveis, compensa a desordem e a confusão do estado psíquico. Isso é evidentemente uma tentativa de *auto cura* que não se origina da reflexão consciente, mas de um impulso instintivo. (JUNG *apud* SILVEIRA, 1981, p. 54).

Coube a Nise demonstrar que aquelas pessoas, antes consideradas incapazes, encontraram na produção simbólica a capacidade de reencontrar o ponto de organização da mente. Orientada por Jung, comprovou a capacidade do arquétipo central - *Self* - de construir novos caminhos, independente da atitude consciente.

## O Museu das Imagens do Inconsciente

Na Seção de Terapêutica Ocupacional foram criados mais dezessete núcleos de criatividade: encadernação, costura, música, dança, teatro, sapataria, cestaria, jardinagem, entre outros. Porém, o atelier de pintura e modelagem adquiriu um expressivo interesse científico e artístico.

A produção dos desenhos e pinturas dos chamados esquizofrênicos expandiu-se vertiginosamente a ponto de Nise sentir a necessidade da criação de um museu, a fim de preservar aquelas obras para a humanidade. Para que pesquisadores das mais diversas áreas do conhecimento pudessem se debruçar sobre as imagens e adentrar no hermético universo do inconsciente.

Daí nasceu à ideia de organizar-se um museu que reunisse as obras criadas nesses setores de atividades, a fim de oferecer ao pesquisador condições



para o estudo de imagens e símbolos e para o acompanhamento da evolução de casos clínicos através da produção plástica espontânea (SILVEIRA, 1980 *apud* MELO, 2001, p. 15).

Walter Melo (2001, p. 15) afirma com a propriedade de quem vivenciou essa história: “Este acervo, por sua quantidade, qualidade pictórica e clareza no estudo do processo psicótico, é único no mundo”.

A presente investigação suscita algumas questões: com que recursos o Museu das Imagens do Inconsciente (MII) foi fundado? Obteve apoio da gestão pública? O espaço para a localização do museu era adequado? Havia equipe para trabalhar? Sabe-se que a estrutura de um Museu é relativamente complexa, necessita de alto investimento: uma reserva técnica com condições climáticas favoráveis, equipe especializada em catalogação, conservação, espaços para exposição permanente e muitas outras questões estruturais.

Estas interrogações sem respostas, no momento, valem para a presente pesquisa como um fortalecimento da imagem revolucionária de Nise e seus colaboradores. Era uma necessidade veemente criar o Museu para que presentes e futuros pesquisadores pudessem ter acesso aquele tesouro, às imagens da alma e assim foi feito. Aquele Museu não seria um espaço de objetos sagrados, intocáveis, mas um centro de convivência, espaço de criação, troca de saberes e de afeto.

Na afirmação de Mário Pedrosa, artista, crítico de arte, curador, referência na história da arte brasileira, que frequentava o atelier de expressões e posteriormente o Museu de Imagens do Inconsciente, uma clara definição:

O Museu de Imagens do Inconsciente é mais do que um museu, pois se prolonga de interior adentro até dar num atelier onde artistas em potencial trabalham, fazem coisas, vivem e convivem, Ali com efeito, se foram reunindo ao acaso todo um grupo de enfermos - esquizofrênicos - tirados do pátio do hospício para a seção terapêutica, desta para o atelier, do atelier para o convívio, onde passou a gerar-se o afeto e o afeto a estimular a criatividade. A grande descoberta foi a formação ou revelação ao longo dos anos de personalidades extraordinárias que nasceram do convívio que para eles se abriu, e cujas obras constituem já agora um patrimônio cultural da nação brasileira. (PEDROSA, 1980 *apud* MELLO, 1999, p. 181).

O Museu das Imagens do Inconsciente foi inaugurado em 20 de maio de 1952, está localizado no Instituto Municipal de Assistência à Saúde Nise da Silveira (antigo Centro Psiquiátrico Pedro II), bairro Engenho de Dentro, Rio de Janeiro. Atualmente, seu acervo é composto por mais de 300 mil obras de arte, realiza exposições na sede e mostras itinerantes no Brasil e exterior, além de continuar com os trabalhos no atelier de pintura/modelagem e o grupo de estudos (SILVEIRA, 2015).

Essas informações, além de biografias dos artistas de Engenho de Dentro, imagens das obras, exposições virtuais e textos importantes escritos por Nise, Luiz Carlos Mello, Edson Passete e outros colaboradores são encontradas no site do museu. É, portanto, um “museu vivo” como Nise sempre desejou.

## A Casa das Palmeiras

A longa convivência no Hospital Pedro II fez Nise da Silveira anunciar mais um questionamento: a pessoa que vivencia uma experiência psicótica, uma internação e tudo que significa essa realidade, ao voltar para a sociedade como vai estar emocionalmente? Como vai ser recebida pela

família? E no trabalho? Nise observa que é uma situação que abala as estruturas de todos os envolvidos.

Observa-se que, nos dias de hoje, 59 anos depois da criação da Casa das Palmeiras, este ainda é um dos principais problemas das políticas públicas de saúde mental. Depois de um diagnóstico de patologia na psique, seja ela qual for e, mais grave ainda, de uma internação, como conviver com o estigma? Retornar ao mercado de trabalho, manter autoestima, dignidade e o respeito perante uma sociedade que supervaloriza a produtividade, o consumo e os comportamentos padronizados?

Corroborar-se com Mello quando afirma que a obra de Nise da Silveira preconizou a reforma psiquiátrica no Brasil e exterior:

Foi com esse espírito libertário que Nise criou, com maestria, uma clínica psiquiátrica em regime de externato, com portas e janelas abertas: A Casa das Palmeiras. Isto na década de 1950, em plena época do confinamento nas prisões em que eram os Hospitais Psiquiátricos. Preconizava, dessa forma, os movimentos de transformação que viriam acontecer muitos anos depois no Brasil e no exterior (MELLO, 2009, p. 9).

Segundo Nise, a partir da sua iniciativa junto com Maria Estela Braga (médica), Ligia Loureiro (assistente social) e Bela Paes Leme (artista visual), a Casa das Palmeiras foi fundada em 23 de dezembro de 1956 (SILVEIRA, 1977 *apud* MELLO, 2009, p. 58). Confirma-se em mais essa etapa de sua trajetória a opção por um trabalho em equipe interdisciplinar e mais ainda a atitude de valorizar essa união entre os saberes e habilidades pessoais e profissionais.

Nise da Silveira afirma:

A Casa das Palmeiras nasceu porque eu me impressionava muito com o número de reinternações. O doente saía por uma porta e entrava pela outra [...]. A partir daí me inspirei para criar uma instituição na qual o doente que superasse o surto psicótico não caísse de súbito nesta nossa sociedade, que é um pouco mais louca que o hospital [...]. A Casa das Palmeiras nasceu para dar oportunidade ao indivíduo de se reintegrar. Nós fazemos isso procurando dar o mínimo de feição hospitalar. Médico lá não veste roupa branca, as janelas e portas estão sempre abertas, quem quiser sair, sai. (SILVEIRA, 1977 *apud* MELLO, 2009, p. 58).

Este conceito de cuidado com a pessoa em sofrimento mental até então não havia sido cogitado no Brasil. Foi mais uma inovação da doutora Nise da Silveira, decorrente da sua angústia com o número de reinternações, segundo a médica: “dentre os 25 internados nesses hospitais por dia, em média, dezessete eram reinternações [...]” (SILVEIRA, 1996 *apud* GULLAR, 1996, p. 77).

A Casa das Palmeiras pode ser considerada uma precursora do que hoje está proposto na Lei da Reforma Psiquiátrica - os Centros de Atenção Psicossocial (CAPS) e a Residência Terapêutica, por exemplo. Porém, observa-se que há alguns pontos da história da Casa das Palmeiras que precisam emergir e serem reinventados nos dias atuais: a valorização dos sujeitos enquanto protagonistas e merecedores do que há de melhor em termos de leitura, de música, de alimentação, do acesso à produção cultural não massificante; a realização dos ateliês não apenas visando geração de renda, mas a expressão e expansão da alma e o contato com a sociedade, através dos grupos de estudos, da formação continuada e coletiva; das festas abertas à sociedade, a fim de que a mesma possa conhecer e romper com a desinformação.

Percebe-se que na Casa das Palmeiras o cuidado com o louco e o tratamento humanizado foi prioridade. Nise e equipe deram prosseguimento às práticas expressivas do atelier de Engenho de Dentro.

Silveira relata sobre as atividades desenvolvidas na Casa: “teatro, literatura e botânica, são realizados bailes... Há sempre um amplo diálogo, no qual são discutidas as opiniões dos clientes sobre a Casa [...]” (SILVEIRA, 1991 *apud* MELLO, 2009, p. 123).

Nessa mesma entrevista, confirma que os ateliês de pintura e modelagem tiveram continuidade na Casa das Palmeiras e apresenta um trecho que descreve a emoção de lidar com o barro por Francisco:

As águas descem da cachoeira. Descem no rio fresco e leva a terra molhada que fica em bancos de barro no extenso leito do rio. Um menino, um homem, uma mulher pegarão aquele barro e sentirão a eletricidade da terra. E amassarão e modelarão figuras, nas mãos esticadas sentindo seu corpo fresco, até formar figuras grotescas dos seus sentidos. [...] A alegria esfuziante que passa das mãos enlameadas para os nervos e músculos, fazem um corpo de mulher com entranhas de barro ainda molhado na beirinha do rio um castelo belo por um menino das matas e molhado pelas águas do rio. [...] (SILVEIRA, 1991 *apud* MELLO, 2009, p. 124).

Nise comenta sobre o texto de Francisco: “É muito bonito e tem o sentido de ser terapêutico” (SILVEIRA, 1991 *apud* MELLO, 2009, p. 124).

Percebe-se no texto de Francisco a importância do contato com aquele elemento da natureza (o barro). Naquela experiência, que ele considera “selvagem”, pois é livre e intensa, a possibilidade de criar é “alegria esfuziante” que penetra na carne. O valor dado à presença dos amigos no atelier, ao “brincar” e, finalmente, à sua satisfação pessoal.

Em suas reflexões sobre a práxis de Nise, o pesquisador Walter Melo Jr. (2001), afirma sobre o cotidiano do desse trabalho:

Na Casa das Palmeiras tratou-se de ampliar o método, dada a natureza mesma da nova instituição, destinada à reabilitação de egressos de estabelecimentos psiquiátricos, funcionando assim como uma etapa intermediária entre a rotina hospitalar desindividualizada e a vida na sociedade e na família, com seus inevitáveis e múltiplos problemas. [...] O método consistia em coordenar intimamente olho e mão sentimento e pensamento, corpo e psique (MELO, 2001, p. 29).

Um aspecto importante da metodologia proposta por Silveira é levar a pessoa a compreender a utilidade que terá para ele a prática das atividades expressivas com as quais se familiarizou durante o tratamento ocupacional, mesmo depois da alta.

## Considerações Finais

Destaca-se a atualidade dos questionamentos e práxis de Nise da Silveira em pleno Séc. XXI. Como estão estruturadas as instituições e a rede de serviços em saúde mental no Brasil? Além disso, como ocorre a prática da equipe interdisciplinar? Pensa, estuda coletivamente, dialoga, escuta os usuários ou observa suas expressões não verbais durante as vivências?

São inquietações que a obra de Nise suscita e que nem sempre estão na ordem do dia, ou seja, entre as prioridades. Nise da Silveira trouxe à tona as imagens e a voz do louco, apontando saídas, registrando processos, convidando as pessoas a pesquisar, a mergulhar nesse universo pleno de humanidade chamado loucura.

Revisitar essa teoria é um convite à reflexão crítica sobre os caminhos trilhados desde então, onde houve avanços, onde ainda falta chegar, conscientes de que, assim como os inumeráveis estados do ser, a história não é linear, pode haver avanços e retrocessos, mas que é necessária atenção aos direitos conquistados e às possibilidades inesgotáveis de humanização das formas de cuidado. O maior legado da Nise da Silveira é o afeto, o respeito aos seres vivos e à busca incessante por conhecimento.

## Sobre o artigo

**Recebido:** 15/03/2016

**Aceito:** 18/15/2016

## Referências bibliográficas

GULLAR, F. **Nise da Silveira, Coleção Perfis do Rio**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1996.

JUNG, C. G. **Psicologia do Inconsciente**. Petrópolis: Vozes, 1987.

MELLO, L. C. **Nise da Silveira**. Rio de Janeiro: Beco do Azogue, 2009.

MELO, W. **Nise da Silveira**. Rio de Janeiro: Conselho Federal de Psicologia/Imago, 2001.

MELO, W. **Maceió é uma cidade mítica: o mito da origem em Nise da Silveira**. *Psicol.* São Paulo: USP, v. 18, n. 1, p. 101-124, mar. 2007. Disponível em <<http://www.scielo.br/scielo>>. Acesso em 02 maio. 2015.

SILVEIRA, N. **Imagens do Inconsciente**. Rio de Janeiro: Alhambra, 1981.

SILVEIRA, N. **Do Mundo da Caralâmpia à Emoção de Lidar**. Produção de Luiz Gonzaga Pereira Leal, 1992.

SILVEIRA, N. **9 Artistas de Engenho de Dentro**. Disponível em: <<http://www.museudasimaensdoinconsciente.com.br>>. Acesso em 3 maio. 2015.

SILVEIRA, N. **O Museu Vivo de Engenho de Dentro**. Disponível em: <[http://www.ccms.saude.gov.br/o\\_museu\\_vivo/index.htm](http://www.ccms.saude.gov.br/o_museu_vivo/index.htm)> Acesso em 3 jun. 2015.